

As tramas no processo artístico de Clara Fernandes

Fernanda Maria Trentini Carneiro

Doutoranda em Artes Visuais pela linha de pesquisa em Teoria e História das Artes Visuais do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina – PPGAV/UEDESC. Mestre em Artes Visuais pela UDESC (2010). Membro do Grupo de Pesquisa: História da Arte: imagem-acontecimento. Bolsista CAPES.

Resumo. O artigo apresenta reflexões acerca da trama na produção artística de Clara Fernandes e as relações existentes entre suas obras e os conceitos que permeiam seu processo de criação a partir dos trabalhos apresentados na exposição *Aurora – o amanhecer*, realizada na cidade de Florianópolis, entre 2013 e 2014. Devido ao tempo de fatura e os materiais empregados em sua construção, os conceitos de acontecimento, de vestígio e de detalhe possibilitam ao olhar o contato reflexivo e crítico, além de uma percepção de um trabalho minucioso e sensível.

Palavras-chave. Clara Fernandes, arte contemporânea, processo artístico, trama, tempo.

The wefts in the artistic process of Clara Fernandes

Abstract. This article presents reflections on the weft in artistic production of Clara Fernandes and the relationships among the works and the concepts that underlie the process of creation from the work presented in exhibition *Aurora – the dawn*, realized in Florianópolis, between 2013 and 2014. Due to the time of development and the materials used in its construction, the concepts of happening, trace and detail can offer a reflective and critical eye contact, and a perception of a meticulous and sensitive work.

Keywords. Clara Fernandes, contemporary art, artistic process, weft, time.



Introdução

A tecelagem é o ponto de partida para a construção do objeto artístico de Clara Fernandes. Artista paulista, reside em Florianópolis desde 1983, tendo como sua morada e seu desdobramento artístico um ateliê em meio à natureza, que lhe permite procurar e explorar as possibilidades de elaboração de um pensamento através do entrelaçamento de trama e luz. Clara Fernandes, em momentos de sua vida, transitou juntamente com sua obra entre o espaço urbano e o espaço rural. Neste sentido, a obra projetada adapta-se aos espaços e aos olhares dos espectadores, que vivenciam o modelar de cada trabalho.

Neste artigo, contemplaremos as obras pertencentes à exposição *Aurora – o amanhecer*, realizada entre 2013 e 2014 no Casarão da Lagoa, na cidade de Florianópolis (Fig. 1). Inicialmente, destacamos que o casarão dispõe de um espaço para os trabalhos de tecelãs de bilros, um fazer manual típico da região. Expor uma proposta artística contemporânea nesse lugar possibilita a abertura de reflexões sobre a forma de construção da imagem a partir de uma aproximação de um fazer aparentemente tão simples, o tear. Presenciamos nesta exposição objetos que retêm um vínculo afetivo, que, no entanto, é presente sem remetente nem destinatário específico. São todas as pessoas e os tempos presentes nestes objetos, que se apresentam inseridos como um baú de itens guardados, lembrados e revisitados. É o vestido, o pergaminho, o desenho, algo que resta, algo que deixa vestígio.

O vestígio é o resto de um passo. Não há presença do passo, mas ele é por sua vez apenas vinda em presença. Impossível dizer literalmente que o passo *ocorrer*. em compensação, *um lugar* no sentido forte da palavra é sempre o vestígio de um passo. O passo, que é seu próprio vestígio, não é um invisível – ele não é Deus, nem passo de Deus –, e tampouco é a simples superfície exposta do visível. O passo da figura, ou o vestígio, é seu traçamento, seu espaçamento. (NANCY, 2012, p. 304)

Apesar da elaboração de suas proposições sinalizarem um desejo definido, o corpo imagético toma forma própria à medida que a artista trama cada fio diante do tempo e espaço de desenvolvimento. Existe uma carga de experimentação nas obras de Clara Fernandes, quando ela insere outros materiais incomuns na composição da forma. Ou seja, Clara apropria-se de materiais



retirados da natureza, que está próxima a ela, para compor as tramas de maneira que apresente a possibilidade de explorar a luz, a textura e as formas. A tecelagem requer do seu compositor o tempo para que a obra se constitua e se desenvolva de modo autônomo. Ao desenvolver o trabalho, a artista demanda tempo para a sua elaboração e o tempo da obra também conduz o seu surgimento.



Fig. 1. Exposição *Aurora – O amanhecer*, de Clara Fernandes. Casarão da Lagoa, Florianópolis, 2014.
Fonte: fotografia da autora, em 27 fev. 2014.

Tramas em gradações

Apesar de destacarmos algumas das obras presentes na exposição, o próprio tema possibilita um diálogo primoroso aos trabalhos de Clara Fernandes. *Aurora* é um estágio que conecta a noite com o dia, ou seja, a passagem gradativa do nascer do dia. Nas tramas de Clara Fernandes, à medida que inicia o tear, uma linha se constrói gradativamente e a obra toma forma, um corpo. *Aurora*, comparecida como *Eos* na mitologia romana, representa o alvorecer, deusa que abre a janela para que o dia possa entrar. E a luz, presente nos trabalhos de Clara, entra pela janela do espaço e reflete em suas obras, restabelecendo, em cada parte de sua trama, um veio vivo (Fig. 2). É um acontecimento, algo que está na percepção entre proposições, que não é um fato dado. Neste sentido, “o acontecimento é uma vibração com uma infinidade de harmônicos ou de submúltiplos, tal como uma onda sonora, uma onda luminosa, ou mesmo uma parte de espaço cada vez menos ao longo de uma duração cada vez menor.” (DELEUZE, 1991, p. 133).



O pergaminho, por exemplo, sofre a constante imersão da luz (Fig. 3). O escrito de luz é algo indecifrável em sua edificação. Supomos que a escrita não-dita presente neste pergaminho seja a escrita do tempo, das gradações da linha da vida, incompreensível em sua totalidade. Podemos proferir nada, bem como articular tudo e, portanto, simultaneamente tudo é eterno e efêmero. Os materiais empregados neste grande pergaminho sugerem a captação de uma espuma presente na crista do mar, que é perceptível através do reflexo da luz. Conjeturamos a possibilidade de uma escrita em segredo sobre os objetos pertencentes ao espaço, na ideia de um diário em que depositamos palavras para serem guardadas, perdidas no tempo, mas não esquecidas. O douramento, que reluz por meio dos fios, nos proporciona um diálogo com o detalhe, que se modifica com a presença dos filetes de luminescência. De tal modo, “o que se denomina textura de um corpo é precisamente o conjunto dos seus caracteres internos, a latitude da sua variação e a relação de seus limites: a textura do ouro, por exemplo.” (Deleuze, 1991, p. 85)



Figs. 2 e 3. Exposição *Aurora – O amanhecer*, de Clara Fernandes (detalhes). Casarão da Lagoa, Florianópolis, 2014. Fonte: fotografia da autora, em 27 fev. 2014.

Assim, o espaço escolhido para a exposição possui a luz que atravessa as paredes e janelas em contato com a obra de arte e na relação com o tema da proposta, a aurora. Em cada detalhe há uma característica e uma especificidade, que transbordam experimentações que a artista procura tramar. O que liga esses objetos são as tramas e urdiduras da tecelagem juntamente ao sonho presente



entre elas. Ainda que dentro da exposição sejam encontrados desenhos, estes presenciaram o desejo e o despertar de um sonho presente naquele espaço e entre os elementos. Já não é uma tecelagem bidimensional, mas a tridimensionalidade em conjunto. Pois, como uma transparência rabiscada, o preenchimento dado pelo fio e o vazio que contempla os espaços entre eles, permitem a unicidade entre espectador e obra. São luzes que se entrecruzam e que complementam esse amanhecer de tessituras.

[...] “detalhar” é enumerar todas as partes de um todo, como se o “talho” tivesse servido apenas para dar as condições de possibilidade de uma contabilização total, sem resto - uma soma. É como se a “pureza” do olhar significasse o ato de tudo observar, de tudo captar, de tudo reconstituir, em outras palavras: detalhar o visível, descrevê-lo e desdobrá-lo em detalhes, fazer dele uma soma sem resto dos aspectos. Assim todo detalhe está ligado, de perto ou de longe, a um ato do traço, que é ato de constituição das diferenças estáveis, ato da decisão gráfica, da distinção, portanto do reconhecimento mimético, portanto da significação. (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 298-323)

A aurora, esse elemento do amanhecer nos proporciona uma gradação de cores presentes nas tramas artísticas. A gradação entre o branco e o amarelo, suas nuances e luzes, refletidas nas tramas douradas, nos chegam a medida que nos aproximamos e nos distanciamos de sua presença.

Sobre os corpos tramados

Entre as obras presentes no espaço, presenciaremos três vestidos, que tramados e cobertos por gesso, se esfumam sob a influência do tempo e da porosidade da matéria (Fig. 4). É um corpo delicado e resistente. Simultaneamente, possuem o desejo de captura através da trama em que há a dobra do corpo que se esvai com a queda das partes, dos esvaziamentos das camadas. Desse modo “é preciso dizer que um corpo tem um grau de dureza assim como um grau de fluidez, ou que ele é essencialmente elástico, sendo a força elástica dos corpos a expressão da força compreensiva ativa que se exerce sobre a matéria.” (DELEUZE, 1991, p. 17).

Há um corpo vazio, algo que restou dessa passagem. O material empregado no trabalho modela com o tempo. Existe um corpo indizível, um sintoma que possibilita a construção de uma presença corporal. Um corpo sem rosto. Neste sentido “[...] um corpo flexível e elástico tem ainda partes coerentes que formam uma dobra, de modo que elas não se separam em partes de partes, mas dividem-se até o infinito em dobras cada vez menores, dobras que sempre guardam certa coesão.” (DELEUZE, 1991, p. 17-18)





Fig. 4. Exposição *Aurora – O amanhecer*, de Clara Fernandes. Casarão da Lagoa, Florianópolis, 2014.
Fonte: fotografia da autora, em 27 fev. 2014.

Ainda uma vassoura se faz presente no espaço. Pertence à aurora? A vassoura do tempo que varre os movimentos da luz e a sua chegada? Estática, escutamos sua varredura. Os fios de cobre transmitem o som que arranha o assoalho e leva de um lado para o outro as memórias pertencentes aos objetos (Fig. 5). Ainda encontramos algumas tramas que se entrelaçam a objetos incomuns, que supomos ser casulos que apreendem componentes para que façam parte de sua constelação. Um dos casulos guarda sementes que parecem ter vida própria e, como uma aranha, trama entre os elementos, que com o tempo fazem parte da construção e, neste sentido, estão incorporados à forma (Fig. 6).

Deste modo, as edificações realizadas são tessituras de ocorrências vividas e imaginadas. Na tecelagem os fios possuem a característica de serem sensíveis e confortáveis e, aqui, por meios dos materiais diversos, como metal, seda, vidro, gesso permeiam entre a rigidez e a delicadeza. Materiais com o duplo jogo de vivência. A maleabilidade e a resistência, a organicidade e a rigidez, o vazio e o preenchimento, a opacidade e a transparência. Assim, “não é o corpo que realiza, mas é no corpo que algo se realiza com o que o próprio corpo se torna real ou substancial.” (DELEUZE, 1991, p. 175).





Figs. 5 e 6. Exposição *Aurora – O amanhecer*, de Clara Fernandes. Casarão da Lagoa, Florianópolis, 2014. Fonte: fotografia da autora, em 27 fev. 2014.

Há uma relação com a organicidade presente nas obras, pois suas formas nos remetem às curvas da natureza, as entranhas, o vazio e o preenchimento dos corpos. As tramas permitem que a luz reflita em cada fio transpassado e atravesse na emersão das sombras presentes neste corpo. Da mesma forma que “o espectador, cujo olhar se fixava em um disco de papel em movimento no qual estavam desenhados, de um lado, um pássaro e, do outro, uma gaiola, via, pelo efeito da fusão de duas imagens *retinianas* separadas no tempo, o pássaro entrar na gaiola” (AGAMBEN, 2012, p. 36), a disposição de suas obras permite ao espectador transitar entre as peças, com a possibilidade de apreender seu corpo e dele fazer parte.

Tramas angélicas - duplo sensível

Encontramos entre essas obras tridimensionais um conjunto de desenhos de estudos de corpos e de anjos (Fig. 7), que são estudos sobre os anjos de bronze da Catedral da Sé, de São Paulo, que Clara Fernandes tomou como referência para a elaboração de uma futura performance (Fig. 8). Esses anjos sustentam em cada ponta, com o corpo e as mãos, um grande tecido de bronze, que possui uma delicadeza e uma sutileza na composição. São anjos duplos que se conectam por esse tecido. Como a duplicidade presente nas formas da arte de Clara, conceitos contrastantes, mas complementares, potencializam um acontecimento, pois “é talvez quando as imagens são mais intensamente contraditórias que elas são mais autenticamente sintomáticas.” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 336)





Fig. 7. Exposição *Aurora – O amanhecer*, de Clara Fernandes (desenhos - estudos). Casarão da Lagoa, Florianópolis, 2014. Fonte: fotografia da autora, em 27 fev. 2014.

Os desenhos de estudos dos anjos na exposição demonstram algo que está ausente no espaço, mas que pulsa, como um sintoma. Ou seja, um instante de algo que foi ou que está por vir. Algo que reverberava nessas imagens a possibilidade da captação de sensação à artista no contato com esses anjos. Nisto “o detalhe é um pedaço do visível que se escondia e que, uma vez descoberto, se exhibe discretamente e se deixa definitivamente identificar (no ideal): assim o detalhe é considerado como a última palavra do visível.” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 343).

Mas também alguma coisa que está presente naquele espaço expositivo encontra-se ausente em forma concreta e presente como rastros de uma luz vigente. A partir de desenhos dos anjos, Clara propõe uma futura performance com mulheres, de força sinuosa, com um acontecimento. O anjo detém o poder que transita entre a força e a fragilidade, a incorporeidade de uma passagem, e “o que resta em retirada da imagem, ou o que resta em sua retirada, como essa própria retirada, é com efeito o *vestígio*.” (NANCY, 2012, p. 301). Estão presos um pelo outro, assim como as tramas nas proposições de Clara, que fazem sentido quando se conectam pelo fio um ao outro para elevar-se e apresentar-se como



obra. É um detalhe, um ponto invisível e coberto pelas tramas, que se revela pela luz nas sutis singularidades do seu gesto, enquanto obra.



Fig. 8. Venanzo Crocetti (1913-2003). Catedral da Sé, São Paulo.
Fonte: fotografia da autora, 2013.

Considerações Finais

Em meio às possibilidades de criação presentes na arte contemporânea e a imersão de práticas digitais e midiáticas nesse campo artístico atual, a arte de Clara Fernandes permanece no tempo fiel à sua linguagem artística, a tecelagem, que a cada nova série resulta em novo projeto. Um pensamento plástico que modela a partir do anterior sem perder o seu cerne, o tear, na ampliação de visibilidade e invisibilidade, possibilidades e probabilidades. Um pergaminho indecifrável, porém compreensível, desenhos de anjos que duplicam os sentidos pela passagem, o traço, o detalhe, os vestidos, o casulo que moldam corpos invisíveis no tempo.

A história da humanidade é sempre história de fantasmas e imagens, porque é na imaginação que tem lugar a fratura entre o individual e o impessoal, o múltiplo e o único, o sensível e o inteligível, e, ao mesmo tempo, a tarefa de sua recomposição dialética. As imagens são o resto, os vestígios do que os homens que nos precederam esperaram e desejaram, temeram e removeram. E como é na imaginação que algo como uma história se tornou possível, é por meio da imaginação que ela deve, cada vez, de novo se decidir. (AGAMBEN, 2012, p. 63)



Percebemos, assim, a partir das imagens apresentadas neste trabalho, que a construção imagética perpassa a recordação da artista e as camadas de memória existentes no tempo do outro, do espectador. A luz que irrompe em suas tramas é como a fenda de uma porta, de luminescência forte e frágil e, nos propõe uma confluência de impressões, como fragmentos de um corpo, de uma passagem, de um detalhe que escapa aos olhos da artista. Os corpos são abarcados pela sombra e luz proporcionadas pela obra de forma gradativa, como um alvorecer, que todo dia retoma a luz de maneira diferente. Os conceitos que refletimos entre as tramas pertencentes à obra de Clara Fernandes sugerem algo além da imagem em si, pois a fatura e os materiais utilizados em seus trabalhos inquietam e atravessam o olhar e, desse modo, permitem novas possibilidades de leituras.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Ninfas*. Tradução Renato Ambrosio. São Paulo: Hedra, 2012.

DELEUZE, Gilles. *A dobra: Leibniz e o barroco*. Tradução Luiz Orlandi, Roberto Machado. São Paulo: Papyrus, 1991.

DIDI-HUBERMAN, George. *Diante da imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte*. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2013.

FERNANDES, Clara. *Mitologia inspira mostra no Casarão da Lagoa*. Disponível em: <http://fundacaofranklincascaes.blogspot.com.br/2013/12/mitologia-inspira-mostra-no-casarao-da.html>, acesso em 13 mar. 2014.

NANCY, Jean-Luc. O vestígio da arte. In: HUCHET, Stéphane. *Fragments de uma teoria da arte*. São Paulo: Edusp, 2012.

